

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM NOVO OLHAR SOBRE FENÔMENOS LINGUÍSTICOS.

Neste trabalho, propomos e ilustramos a relação entre conceptualização cultural e fenômenos de variação/mudança linguística.

No primeiro capítulo definimos a cordialidade, a qual significa aversão à impessoalidade, que caracterizaria o brasileiro como um “ser mais emoção que razão”. A cordialidade, no entanto, não é caráter essencial. Com Avelino Filho (1988), Monteiro (1999), Wegner (2000) e outros intérpretes, concordamos que a cordialidade é cultural. Lembramos que em *Raízes do Brasil* o próprio Holanda ([1936]2015, p. 241) nos remete a estudos sociológicos e afirma textualmente que a cordialidade é uma “forma cultural” constituída de comportamentos sociais. Essa “forma cultural”, segundo Holanda, manifesta-se nas mais diversas áreas de atuação humana, inclusive na linguagem (HOLANDA, [1936]2015, p. 178).

Contribuímos com o campo das relações entre os estudos culturais históricos, sociais e linguísticos, nosso primeiro objetivo específico, no primeiro capítulo quando discutimos que, apesar de alguns de seus principais intérpretes, como Avelino Filho (1988), tratarem a cordialidade como “mentalidade”, a terminologia é problemática. Mentalidade é um termo ambíguo que, se para Ariès ([1978] 2011) é sócio-histórico-cultural, para Vovelle ([1987] 1991) é universal e imutável, um “inconsciente coletivo”. Após incursão teórica, conclui-se a possível aproximação da mentalidade em Ariès com os estudos linguísticos culturais e o tratamento da cordialidade como conceptualização cultural: falar em conceptualização é

abandonar qualquer aproximação com uma interpretação inatista-universalista que o termo mentalidade pode sugerir. Assim, tomando a cultura como sistema conceptual, com Kövecses (2017), entende-se que ela é internalizada como modelo cultural de conceptualizações culturais, tal como em Sharifian (2011).

Propomos, então, que a cordialidade seja um tipo especial de conceptualização cognitivo-cultural, amplamente compartilhada, nos moldes de D’Andrade (1987), D’Andrade; Strauss (1992), Strauss (2014) e Holland; Quinn (1987), e assim, em nosso segundo objetivo específico, estabelecemos a aproximação entre os Estudos Culturais e a cordialidade tal como intuída por Holanda.

Com Geeraerts (1989), Grondelaers, Speelman e Geeraerts (2007) e outros, buscamos estabelecer relação entre os estudos cognitivos e sociolinguísticos, nosso terceiro objetivo específico, e concordamos que apenas com a aplicação da perspectiva cognitiva aos estudos sociolinguísticos se pode investigar “a mão invisível”, as causas ainda não determinadas, que motivam os fenômenos de mudança linguística. Por isso procuramos apresentar, com alguma explicitação dos módulos semânticos e pragmáticos da faculdade da linguagem, como se daria a representação cognitiva da cordialidade.

Com a revisão dos estudos, apresentamos as propostas de Menon (1997), Martins e Vargas (2014) e Lucena (2016) para a interpretação da variação *teu/seu*. Apesar de, em geral, os estudos apontarem como causa da variação/mudança alguns fatores linguísticos como a inserção de *você* no sistema pronominal do PB, os dados dos estudos de Martins e Vargas (2014) e Lucena (2016) já indicavam que, em seu movimento em direção à 2ª pessoa, o possessivo *seu* sofre certa modificação de traços semânticos e ganha mais pessoalidade. Contudo, nenhum desses estudos associa tal pessoalidade à manifestação e à determinação da cordialidade como modelo cultural. Constatou-se que os estudos variacionais em PB que consideram pressupostos cognitivos em suas análises,

sejam semântico-cognitivos ou linguístico-culturais, ainda são incipientes. Destacam-se nesse cenário os trabalhos de Silva (2006, 2008a, 2008b), Batoréo (2000), Abraçado (2015) e Ferrari (2019).

Por fim, para cumprir o quarto objetivo específico e investigar em que medida os fenômenos de variação/mudança nos pronomes possessivos de 2ª pessoa do PB relacionados às formas de tratamento podem ser manifestação de um modelo cognitivo-cultural, apresentaram-se os dados e nossas análises relativas às obras examinadas.

A partir da análise da versão publicada em meados do século XVIII de *O marido confundido* ([1737]1841), de Alexandre de Gusmão, os dados indicaram que *vosso* é o pronome de 2ª pessoa mais utilizado pelos falantes representados. Observou-se que a característica desse tipo de estratégia de referência à 2ª pessoa é mais formal, presente no tratamento em relacionamentos hierarquizados, constituindo-se, portanto, como marca de um esquema de tratamento não cordial, ou seja, dotado de mais formalidade, menos pessoalidade e afetividade. Os dados indicam ser essa a estratégia padrão de tratamento entre fidalgos, mesmo quando amantes, pelo menos se podem ser alvo de testemunhas, isto é, limitados em sua expressão de afeto.

A forma *teu*, por outro lado, é o lugar da pessoalidade, da intimidade e da afetividade e ocorre na expressão de afetividade dos amantes, única ocorrência de pronome acompanhado por diminutivo, uma das marcas de afeto apontadas por Holanda. *Teu* também é a opção na intimidade da conversa consigo mesmo e aparece em situações em que o senhor quer mostrar à criada que a ela não deve haver tratamento hierarquizado. O lugar de *teu* é portador de pessoalidade, afetividade. Destaca-se que o texto foi escrito no período colonial.

A análise das peças *O juiz de paz da roça* ([1837]2018), de Martins Pena, e *Não consultes médico* ([1896]2018), de Machado

de Assis, a primeira pós-Independência (1822) e a segunda pós-Proclamação da República (1889), indica o contínuo e gradativo movimento de cooptação do pronome possessivo *seu*, que se torna a escolha preferencial do falante quando quer se referir à 2ª pessoa. Nesse movimento, primeiramente se suplanta a forma *vosso* e, em seguida, há a concorrência com *teu*. É importante dizer que tal fenômeno foi devidamente identificado e conhecido nos estudos históricos de PB, com destaque para Menon (1997), Martins e Vargas (2014) e Lucena (2016). O que este trabalho acrescenta a tais estudos é a observação, considerando o contexto de uso indicado pelas formas de tratamento, de que nesse percurso o pronome *seu* não apenas perde formalidade, como já apontado, mas ganha pessoalidade e afetividade, propriedades características da cordialidade.

Observando, comparando e qualificando os dados globais dos três textos, nota-se também que o pronome possessivo *seu* não parece acompanhar simetricamente a evolução do pronome *você*. A forma *seu* se faz presente com outros pronomes de tratamento, como *Vossa Mercê*, *Vossa Senhoria*, *Senhor*, *Senhoria* e *Doutor*, isto é, *seu* tem uso consolidado já na primeira metade do século XIX; e *você*, ao aparecer escassamente no texto 2, é acompanhado pelo possessivo *teu*, confirmando os dados de Martins e Vargas (2014) e corroborando nossa tese de que outro fator, neste caso o modelo cultural, também atuou na motivação do fenômeno de mudança.

Os dados dos três textos indicam maior possibilidade de situações comunicativas de usos para *seu*, dentre elas destacam-se: ocorrências do pronome acompanhado de título (*D. Pabulea*, *Sr. Tomás* e *D. Leocádea*, respectivamente); aproximação com deferência (KERBRAT-ORECCHIONI, 2011) de valoração semântica positiva e negativa; proximidade e pessoalidade.

Nota-se que no primeiro texto, no caso de valoração semântica negativa, o pronome que o acompanha é *você*, confirmando, nesse ponto, Rumeu (2013, p. 51) ao falar desse pronome como forma de

tratamento “às vezes com conteúdo negativo”. Mas nos textos 2 e 3, diminutivos como *sujeitinho* e *mocinha*, respectivamente, marca linguística que caracterizaria a afetividade da cordialidade, também acompanham o pronome *seu* no uso de 2ª pessoa. Observou-se, assim, que *seu* mantém a possibilidade de uso formal e mais distante, como manutenção de um traço originário (HOPPER, 1991; HOPPER; TRAUGOTT, 2003), e ainda agrega a possibilidade de uso em contextos mais afetivos e pessoais.

O texto 1 é do Brasil Colonial e os outros dois do Brasil pós-Independência; um do Período Regencial e outro do fim do Segundo Reinado, já com todas as aspirações de uma República (FAUSTO, 2002). Entretanto, podemos considerar que os dois últimos textos são relacionados à criação de um ideário de nação, o que inclui a construção de um modelo cultural nacional. A ironia é essa: uma das propriedades que caracteriza esses textos é justamente a permanência de certa mentalidade colonial, e é o que nos distinguiria de Portugal, provavelmente porque nessa relação nós somos colônia, não metrópole. Aquilo com o que identificamos nossas peculiaridades e conseqüente distanciamento é, também ou ainda, colonial.

E não há de se surpreender que se tenha, já tão próximo da mudança histórica datada, alterações na língua. O que estamos mostrando é que a alteração na língua já vinha acontecendo porque a alteração “das ideias” já vinha acontecendo. As ideias já circulavam antes da alteração datada, a conceptualização já estava em formação e já existiam conceptualmente a ideia de independência no primeiro momento e a ideia de república no segundo momento. Então é isso que estamos capturando: o momento que a língua manifesta a mudança das ideias e, ao mesmo tempo, o momento que essa mudança na língua, essa manifestação da língua, ativa o modelo cultural correspondente. O modelo conceitual-cultural correspondente a essa dança: uma mudança linguística/

conceitual que se retroalimenta. A permanência da cordialidade é a permanência de uma mentalidade do período colonial.

Conclui-se que o movimento de *seu* para a 2ª pessoa é um movimento de “cordialização” do pronome, isto é, um movimento em direção ao tratamento menos formal, mais pessoal e afetivo. Se *vosso* é o lugar da impessoalidade e da formalidade e *teu* é o lugar da pessoalidade e da afetividade, se pudermos observar a cooptação de *seu* para o lugar do *vosso*, temos já uma primeira aproximação, conforme Benveniste (1966). E, na sequência, com o movimento de *seu* para o lugar de *teu*, vemos que ele modula, sendo uma variação periférica de *vosso* e, em seguida, uma variação periférica de *teu*, aos moldes do proposto por Grondelaers; Speelman e Geeraerts (2007).

Podemos afirmar, então, que *seu* migra de lugar de distância para começar a ocupar, em PB, lugar de proximidade. Um *seu* que, quando cooptado para a 2ª pessoa e concorrendo com *teu*, ocorre em contextos de maiores pessoalidade e afetividade e menor formalidade. Ganha, dito de outra maneira, propriedades de cordialidade, indicando que o PB escolhe a pessoalidade, o que possibilitou o cumprimento do objetivo geral, a saber, investigar a possibilidade de a cordialidade, compreendida como conceptualização cultural, ser fator causal de fenômenos linguísticos de variação/mudança pronominais relacionados a formas de tratamento do PB. Consequentemente, admite-se a tese de um modelo cognitivo-cultural cordial que atua como fator de mudança linguística.

Importante notar, contudo, que a propriedade mais evidente no contexto de uso de *seu* em 2ª pessoa é a pessoalidade. As razões que contrariaram a expectativa original e tornaram a afetividade não tão evidente quanto a pessoalidade nos dados observados precisam ser melhor investigadas. Para tanto, propomos duas hipóteses: 1) a opção por abordagem que priorizou a análise qualitativa dos dados,

não ancorada em um *corpus* numeroso, limitou o resultado; 2) a afetividade não se manifestaria pronominalmente; a pessoalidade é destacada por ser (ainda que associada à formalidade) uma propriedade que o pronome *seu* adquire no processo de variação/mudança. Essa perspectiva é indicada nos dados, mas também na teoria, posto que a cooptação de *seu* para a 2ª pessoa, esse primeiro movimento do pronome, é um movimento da posição de “não-pessoa” para “pessoa” (BENVENISTE, 1966, p. 231).

Reconhecemos as dificuldades de se evidenciar a incidência de aspectos sócio-histórico-culturais na língua e, nesse sentido, o caráter experimental da pesquisa realizada, mas também reconhecemos que o trabalho dá passos adiante e contribui para esse esforço em pelo menos quatro pontos: a) na necessidade de se investigar o fenômeno de variação/mudança de *teu/seu* em seus múltiplos aspectos motivadores, de modo complementar à relação sintática de *seu* com *você*; b) na compreensão de que abarcar a complexidade dos fenômenos de variação/mudança exige olhar a partir dos aspectos linguístico-cognitivo-culturais; c) na proposição de uma leitura linguística-cognitiva-cultural da cordialidade, inédita até então; d) por fim, contribui com o amadurecimento da Linguística Cultural no Brasil.

Os dados aqui apresentados de maneira ilustrativa indicaram, como esperado, que antes da concorrência *teu/seu*, em um momento que o país ainda era colônia portuguesa e mais próximo culturalmente desse país, *seu* foi uma forma majoritariamente formal e impessoal e *teu* ocupava o lugar de pessoalidade, informalidade e afetividade. Esse lugar muda após a Independência e a Proclamação da República, períodos de ebulição sob um ideário de nação.

Os dados corroboram, portanto, a hipótese de que *seu* se desloca da 3ª pessoa, lugar que indica mais distância em relação ao interlocutor, para a 2ª pessoa (fenômeno que ocorre no PB e não no PE), ou seja, que sai do público para o privado. *Seu* é

cooptado para a 2ª pessoa e passa a concorrer pelo lugar de *teu* devido, como mostrarmos, à escolha do falante determinada por seu modelo cultural: o movimento do possessivo em direção ao mundo privado, como algo que manifesta a opção do falante de PB pela busca da pessoalidade, demonstrado no fato de que a mudança do pronome *seu* para a 2ª pessoa não é uma mudança sintática apenas, mas semântica, de aquisição de propriedades em adequação a um modelo cognitivo-cultural compartilhado pelo grupo cultural ao qual o falante pertence. Isso traz nova perspectiva teórica a ser considerada nas análises variacionistas: o(s) modelo(s) cognitivo(s) cultural(is) em atuação.

Procuramos mostrar como isso se dá na língua portuguesa, em sua variante PB. A partir da identificação das propriedades semântico-culturais (menor formalidade, maiores pessoalidade e afetividade) características da cordialidade, compreendida como aversão à impessoalidade, propusemos um modelo cultural-cordial. Tal modelo, não exclusivo de um grupo cultural, foi identificado por conjunto significativo de pensadores, em especial por Holanda ([1936]2015).

Assim, a cordialidade como esse agrupamento de propriedades que Avelino Filho (1988) chama de “mentalidade”, Rocha (1998) de “estratégia funcional”, Souza (2017) de “noção”, Pinto (2001) e Monteiro (1999) de “tipo” e Reis (2006) aproxima de “espírito de uma época”, aqui denominamos como “modelo cognitivo-cultural”, o qual se manifesta na língua a partir, inclusive, dos fenômenos de variação/mudança que motiva. Afirmamos, por fim, que esse modelo cultural pode ser ativado por meio de elementos verbais ou não-verbais e que, uma vez ativo, por ele se “coa” e se impregna de sentido as experiências vivenciadas.

Dessa maneira, apresentamos um modelo teórico-explicativo complementar aos estudos variacionistas, com base na ratificação da hipótese de que *seu* em 2ª pessoa, fenômeno que ocorre no PB e

não no PE, se desloca da 3ª pessoa, lugar que indica mais distância em relação ao interlocutor, para a 2ª pessoa, por uma escolha do falante, motivada pelo modelo cultural do qual participa. Uma vez cooptado para a 2ª pessoa, e mais próximo do *eu*, pessoalizado, *seu*, diacronicamente, avança em sua concorrência com *teu*, lugar de mais afetividade e pessoalidade e menor formalidade; enfim um lugar mais cordial.

Entretanto, devido sobretudo ao tempo e à abordagem teórica a que se propôs, esta pesquisa teve suas limitações. Destacamos algumas que consideramos principais: não ter submetido a tese à pesquisa de base quantitativa, observando número maior de dados; não ter realizado reflexão mais aprofundada sobre as metáforas culturais, em que se investigue as implicações do uso do diminutivo *-inho* como metáfora cognitivo-cultural-cordial; e não ter investigado detidamente os possíveis impactos da tese aqui apresentada na teoria da Gramática Cognitiva, do gesto e prosódia.

Por fim, para pesquisas futuras sugere-se, ainda, a investigação de outros fenômenos sintático-semânticos em que o PB se comporta de maneira diferente do PE, como na colocação pronominal. Um estudo cuidadoso poderia investigar se em outros fenômenos de variação/mudança já documentados nos estudos linguísticos, muitos deles enumerados por Biderman (2001), ocorrem sistematicamente o movimento de maior para menor formalidade, aumentando pessoalidade e afetividade, deslocando-se de tratamento impessoal para pessoal, o que poderia indicar ser uma tendência do falante o deslocamento comunicativo do público para o privado, coerente com o modelo cultural aqui apresentado.